

**Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP**  
**Rede São Paulo de Formação Docente - REDEFOR**  
**Especialização em História**

Leisa Alves Ribeiro

**Representações visuais em disputa: Uma análise das charges  
publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a campanha eleitoral de 1989**

CAMPINAS  
2011

Leisa Alves Ribeiro

**Representações visuais em disputa: Uma análise das charges  
publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a campanha eleitoral de 1989**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa Rede São Paulo de Formação Docente da Universidade Estadual de Campinas e da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para obtenção de especialização no curso de História.

2011

## Sumário

1. Introdução.....	4
2. As charges e o humor .....	7
3. O discurso da charge no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> .....	10
4. As imagens dos candidatos .....	10
5. O número elevado de candidatos .....	16
6. Intenções de voto.....	19
7. Os debates.....	20
8. Conclusão .....	27
9. Bibliografia.....	30
10. Anexos .....	31

# **"Representações visuais em disputa: Uma análise das charges publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a campanha eleitoral de 1989"**

**Leisa Alves Ribeiro**

## **Resumo**

A charge é um meio importante de observar a realidade e esteve presente nos principais jornais durante a eleição presidencial de 1989. Como sabemos, tal eleição foi um dos acontecimentos mais significativos da década, devido ao longo tempo em que ficamos sem votar para presidente em razão da ditadura militar. A *Folha de S. Paulo*, um dos jornais de grande circulação nacional, utilizou esse recurso lúdico e cômico para estabelecer um diálogo com seus leitores a respeito dos fatos que marcavam aquele processo eleitoral. Por meio dos traços dos chargistas, os vários momentos daquela campanha eram comentados na página dois do jornal. Considerando este momento singular na história do Brasil dentro do processo de redemocratização, este trabalho tem como objetivo analisar a construção da linguagem cômica a respeito da eleição presidencial de 1989, assim como sua relação com o posicionamento político do jornal.

### **Palavras-chave:**

Charges, grande imprensa, jornal *Folha de S. Paulo*, redemocratização

## **1-Introdução**

As charges marcaram vários momentos da história brasileira e sua presença não iria faltar em um evento tão esperado como a eleição presidencial de 1989. Após 21 anos de ditadura militar e 29 anos sem votar para presidente, o Brasil estava vibrante nessas eleições. No total eram 22 chapas concorrendo; entre os principais candidatos estavam Fernando Collor de Mello (PRN), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB), Ulysses Guimarães (PMDB), Paulo Maluf (PDS), Roberto Freire (PCB), entre outros. Surgem, neste momento, partidos novos como o de

Fernando Gabeira (Partido Verde) e personalidades cômicas como a de Enéias Carneiro, do PRONA. Este, como se sabe, marcou o horário eleitoral ao gritar “Meu nome é Enéias” nos segundos finais do programa de seu partido. Outro personagem do cenário brasileiro que se candidata é o empresário das telecomunicações Silvio Santos (PMB). Alguns esperavam que ele fosse para o segundo turno com Collor de Mello, porém sua candidatura foi cassada pelo Supremo Tribunal Eleitoral por problemas com o seu partido. Somente dois candidatos ficaram para o segundo turno, que ocorreu em dezembro de 1989: Fernando Collor e Luiz Inácio da Silva, o “Lula”.

Esse também foi um ano em que os movimentos populares estavam organizados nos partidos e nas universidades. Em vários espaços ocorriam reuniões e discussões sobre vários temas; os comitês dos partidos realizavam festas para angariar fundos e divulgar os candidatos, a militância fazia boca de urna e esperava (quem sabe?) obter alguns votos para seu candidato no último minuto. Era um momento de agitação nacional em que as massas estavam mobilizadas desde as Diretas-Já. Nesta campanha de 1989, assistimos à participação maciça de artistas, músicos, jornalistas, cientistas, estudantes e outros grupos sociais. A campanha pela TV foi marcante. Veremos essa repercussão chegar às charges do jornal com críticas à ausência de jornalistas da imprensa escrita nos debates televisivos. Verificamos ainda o indisfarçável envolvimento das emissoras ao se posicionarem a favor de um dos candidatos. Um dos momentos muito comentados foi a participação da *Rede Globo* no processo eleitoral. Em edição compactada do debate ocorrido no dia anterior (14/12/89), o *Jornal Nacional* apresenta momentos em que Lula aparece em desvantagem em relação a seu oponente, o candidato Collor de Mello<sup>1</sup>. Roland Carvalho, responsável pela edição daquele debate, assume a responsabilidade pelo favorecimento de Collor, partindo da premissa de que o desempenho deste candidato teria sido melhor do que o de Lula. Juca Kfourri, em artigo publicado no *Observatório da Imprensa*, destaca que muitos consideravam esse debate decisivo para a eleição. Porém, o próprio Lula não concordaria com essa afirmação.

Outro momento marcante da eleição foi estudado por Diana Paula de Souza, em sua pesquisa “Heróis e bandidos: uma análise da construção de personagens

---

<sup>1</sup>Ver a respeito do episódio supra citado, comentário de Juca Kfourri em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mt210820021.htm>

jornalísticos pela *Folha de S. Paulo* no caso Abílio Diniz<sup>2</sup>”. Neste e em outros artigos, a pesquisadora analisa jornais da época que sugeriam o envolvimento do PT na ação do seqüestro do empresário Abílio de Diniz, executivo do Pão de Açúcar. Segundo a pesquisadora, tal relação foi decisiva para o resultado do segundo turno das eleições. Os jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*, do período de 17 a 20 de dezembro de 1989, acusavam, de maneira mais ou menos indireta, o envolvimento do PT na ação, usando fontes da polícia. Somente após a vitória de Collor as acusações foram desmentidas.

Outro caso marcante em frente às câmeras foi o de Collor usar, em seu horário eleitoral, a ex-namorada de Lula. Esta expunha o candidato do PT como um pai de família ruim. O envolvimento da mídia televisiva mostrou sua influência e força e com tanta repercussão que os chargistas da *Folha de S. Paulo* não resistiram e acabaram por caricaturar esse momento.

Assim, com tanto material para as charges, os cartunistas Glauco e Spacca utilizaram o bom humor, a inteligência e a crítica, dando ao seu trabalho o impacto que teriam vários artigos.

O desenhista João Spacca de Oliveira trabalhou na *Editora Folha da Manhã* e na *Folha de S. Paulo* no período de 1985 a 1992 - e depois, de 1994 a 1995 -, como colaborador, chargista político e ilustrador. Começa a desenhar muito cedo e com 15 anos já trabalhava como “manchador”<sup>3</sup> em uma agência de publicidade. Ganhou vários prêmios. Em entrevista para o documentário “Cartunistas Malditos”<sup>4</sup>, Spacca diz que no primeiro ano em que trabalhou na *Folha*, seus desenhos, dependendo do trabalho, pareciam com os de Ziraldo, Angeli e Glauco. Isso porque ele não apenas conhecia a linguagem desses cartunistas como também as reproduzia com facilidade. Spacca disse ainda que se preocupou em encontrar um desenho constante ao fazer álbuns, porque sempre teve facilidade em fazer um desenho realista e caricato e precisava achar um termo e continuar nele até o fim do trabalho.

---

<sup>2</sup> Ver SOUZA, Diana Paula de. *Heróis e bandidos: uma análise da construção de personagens jornalísticos pela Folha de S. Paulo no caso Abílio Diniz*. In: Coneco, 3, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

<sup>3</sup> Manchador ou leiautista é o profissional que esboça, projeta ou planeja uma obra qualquer apresentando-a graficamente.

<sup>4</sup> Sobre os “Cartunistas Malditos”, ver <http://www.youtube.com/watch?v=HGWFz2q093E>

O cartunista Glauco Villas Boas inicia seu trabalho esporadicamente na *Folha de S. Paulo* a partir de 1977, no caderno *Acontece*. Depois passa a publicar toda semana no *Folhetim*. Em 1984 pôde criar uma das primeiras tiras nacionais em quadrinhos que tiveram condições de concorrer com os *comics* norte-americanos. Gostava de utilizar a pena porque dava ao seu desenho um traço todo peculiar. Em entrevista para o filme “Cartunistas Malditos”, disse que começou brincando com os desenhos do Henfil, mas com o tempo foi adquirindo um estilo próprio, com um boneco sempre na horizontal, como uma “pirâmide egípcia”. Mas também, às vezes, ousava sair dele para fazer outros trabalhos, como charges, caricaturas etc.

## **2- As Charges e o Humor**

Para entender o cômico nas charges de jornal compartilhamos das idéias de Jan Bremmer e Herman Roodenburg em *Uma história cultural do humor*. Segundo os autores, é necessário compreender o humor como os historiadores. Para tanto, devemos nos afastar da visão dos psicólogos, filósofos, sociólogos e antropólogos. Enquanto estes últimos estariam preocupados em encontrar uma teoria geral para o riso, encarando-o como algo transcultural e a-histórico os primeiros abordariam o riso e o cômico como sensibilidades coletivas que são historicamente produzidas (BREMMER e ROODENBURG: 2000, p.16).

Já, segundo Driessen, para interpretar uma sociedade, precisamos lidar com os aspectos simbólicos do humor - além de reconhecer nele sua função social como delimitador das fronteiras do grupo. Ainda de acordo com o autor citado, tais fronteiras são formadas por símbolos e atitudes que exemplificam o desenvolvimento das ansiedades coletivas (BREMMER e ROODENBURG: 2000, p. 271).

Portanto, será desta forma que compreenderemos as charges da *Folha de S. Paulo*: como uma construção cultural compreendida dentro do seu tempo. Segundo Maringoni, para que a charge seja compreendida, é necessário um código comum entre o autor e o leitor - um código cultural que tenha características e particularidades locais (MARINGONI:1996, p.89). Desta forma, ler uma charge do falecido senador ACM na

época do ex-presidente FHC é substancialmente diferente de observar uma charge da presidente Dilma. Numa palavra, para a charge o fator tempo é de suma importância.

Ainda para Maringoni, não há charge nem humor que resista a uma explicação. Segundo o autor citado, os fatos devem estar na cabeça das pessoas que lêem o jornal; a charge, por sua vez, somente viria como um fator humorístico forte (MARINGONI:1995, p.90).

Outra característica marcante da linguagem humorística foi destacada por Derek Brewer. Para ele, a piada de um grupo pode ofender e provocar a dor do outro (BREMNER e ROODENBURG: 2000, p. 142).

“Tradicionalmente, as piadas tendem a endossar o preconceito popular, a exemplo da universalmente praticada piada étnica, ou o antifeminismo quase tão universal, em várias formas, ou ainda o escárnio dos deficientes físicos. As piadas políticas eram consideradas subversivas, sobretudo nos antigos países comunistas, por expressarem a solidariedade de pessoas comuns contra os “estranhos” opressores. Por isso as piadas tradicionais, incluindo as novas do tipo tradicional, são, em geral, “politicamente incorretas” (BREMNER e ROODENBURG: 2000, p. 134).

Além da dor e da ofensa, os campos do trágico e do cômico podem trocar de espaço e de tempo. No caso da charge política no Brasil, os dois campos sempre estão trocando de lado devido aos deslizes constantes de nossos políticos. Para Maringoni, a cumplicidade com os lugares-comuns do imaginário público deve existir; isso porque ninguém iria rir, por exemplo, de um japonês pão-duro ou de um alemão burro.

Para se fazer humor é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada que você conta se não existe um código prévio entre você e seus ouvintes. Muitas vezes, este código está baseado no mais repugnante dos preconceitos, mas ele - o vínculo - deve existir (MARINGONI: 1996,P.88).

Portanto, para o autor, a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista (MARINGONI: 1996, p.85). Contudo, a charge ocupa um lugar de destaque junto aos editoriais, ela seria, segundo o autor, um “editorial gráfico”. Para Romualdo, a charge se diferencia dos demais textos opinativos porque nela está sempre presente o humor.

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto charginho diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor (ROMUALDO: 2000,p.5)

A charge, para o autor, possui um caráter icônico. Para que ela seja decodificada e recebida, precisa estar inserida em vários contextos e dialogar com diferentes formas de linguagem (a piada, a reportagem, o editorial, a crítica sociológica etc.). Desta forma, o cômico e o crítico se inter-relacionam, transmitindo informações por meio do pictórico.

Segundo, Elias Thomé Saliba, “a concisão, a antítese, o uso dos estereótipos” são os elementos que constituem o “efeito cômico”. Para o mesmo autor, “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados (SALIBA: 2002, pp. 16-17). É ainda Thomé Saliba quem aponta, como traço do efeito cômico, para a “incongruência repentina” inserida na “ordem corriqueira da vida”. Tal inserção não raro tem como consequência a “degradação do objeto risível”. Além disso, implica “uma certa superioridade e distanciamento daquele que ri.” (SALIBA: 2002, p.20). Tais elementos do efeito cômico identificamos com certa frequência nas charges com as quais lidamos. Na análise que faremos delas ficaremos atentos a tais elementos.

### **3-O discurso da charge no jornal *Folha de S.Paulo***

O principal problema enfrentado para a realização deste trabalho foi a seleção do material junto ao Arquivo do Estado. Este se encontrava em reforma no momento em que a pesquisa começou e durante algumas semanas ficou fechado. Soma-se a isso o tempo reduzido proposto pela Unicamp para realização do trabalho. Quando o arquivo foi reaberto, não perdi um minuto sequer: selecionei as charges e os editoriais sobre as eleições de 89 e, após fotografá-los, analisei-os detidamente em meu computador.

### **4-As imagens dos candidatos**

Pelas páginas do jornal, notei que, desde o início, a campanha de 89 se viu às voltas com um número grande de candidatos. As primeiras charges daquele ano abordam a questão da escolha de tais candidatos pelos diferentes partidos e indagam sobre suas possíveis plataformas eleitorais. Jânio Quadros foi motivo de várias charges. Com suas idas e vindas, Jânio deu margem a inúmeras especulações a seu respeito ao longo de 1989 – muitas delas caricaturadas na *Folha de S. Paulo*. Primeiro, nosso histriônico personagem disse que aceitaria Jarbas Passarinho como vice em alguma pretensa chapa eleitoral. Tal insinuação foi mencionada por Spacca em charge publicada em 25 de fevereiro daquele ano [ver fig. 1]. Mais tarde, quando Jânio afirma, da sacada de sua casa, que iria renunciar (um dramalhão que, segundo a *Folha*, lembrava discurso de Getúlio Vargas), foi a vez de Glauco dar sua estocada. Em charge publicada em 29 de maio [ver fig. 2], o já falecido cartunista representa Jânio anunciando (de novo!) sua renúncia para os repórteres reunidos em frente de sua casa. Diante de tal anúncio, um deles pergunta: “Só isso? Nenhuma novidade?”. Quase um mês depois, sempre gerando especulações a respeito de sua candidatura, Jânio afirma que entraria para o PFL. Em 23 de junho, novamente Glauco faz menção a tal lance político [ver fig. 3]. Em 12 de maio a *Folha* publica o editorial “O mesmo Jânio”, que dizia que, para chamar a atenção dos eleitores, Jânio fazia de tudo:

(...) o gesticular histriônico, a fantasia, o oportunismo, a falsa austeridade, a retórica cômica e exagerada, a confusão entre

independência e falta de conteúdo. Assim tem sido Jânio durante toda a sua vida pública. Demagogo, populista, ultrapassado e autoritário, o mesmo Jânio Quadros de sempre reaparece para disputar a sucessão do presidente José Sarney. Ainda não se sabe se terá ou não sucesso no projeto pessoal. Fica a certeza da sua candidatura; já é uma evidência lamentável de atraso político (*Folha de S. Paulo*, 12/05/89).

A personalidade de Jânio sempre foi muito polêmica e o transformava em uma figura caricata e os chargistas da *Folha* sempre estavam atentos a isso. Entre as excentricidades do ex-presidente estava a de fazer uma cartilha ecológica. O desenhista Glauco aproveita a vinda do músico Sting, que estava junto aos índios no Brasil, e desenha Jânio como um Tarzan com sua cartilha em punho, diante da qual os índios fogem (charge de 17/03).



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Em 13 de maio a *Folha*, na coluna de Gilberto Dimenstein, comenta que a esquerda e os centristas entendiam a participação de Jânio no jogo eleitoral como uma virada para a direita. Já os direitistas o classificavam como uma opção viável. Segundo o jornalista, o discurso de Jânio - que acabara de retornar do exterior - agradava os grupos conservadores, que temiam a candidatura de Lula e Brizola. Jânio classificava a situação no Brasil de “pré-anárquica”, propunha um pacto contra a crise e advertia contra os movimentos grevistas. Para Dimenstein, a bandeira de Jânio não era antipática à classe média, cada vez mais aborrecida por pegar trânsito - ou por não poder retirar seu dinheiro do banco devido às greves. O jornalista lembra o direito de greve, mas aproveita para criticar as lideranças sindicais que supostamente ataçavam a

violência. Segundo ele, não existia governo para intermediar e nem empresários para costurar um acordo; dessa forma, o Brasil não andava. Assim, segundo o jornalista, apesar da demagogia, a proposta de Jânio tinha efeito.

Uma charge publicada em 14 de fevereiro [ver fig. 4] demonstra desde o início como seria retratada a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Sua imagem, para a mídia, estava quase sempre ligada às centrais sindicais, aos trabalhadores e às greves. Para piorar ainda mais sua figura junto à grande imprensa, o ano inteiro de 1989 foi marcado por greves; estas, segundo o DIEESE, chegaram a um total de 1.346 durante todo o ano. Entre os motivos alegados para a disseminação de greves estavam o processo inflacionário, as políticas econômicas e salariais implementadas pelo governo Sarney e o próprio direito de greve garantido pela Constituição de 1988 (depois dos longos anos de ditadura). Portanto, a figura de Lula não agradava a imprensa. Vários governos e amplos setores da indústria e das elites rechaçavam sua candidatura. Enfatizando a aversão do empresariado aos candidatos esquerdistas, uma charge publicada em 23 de março [ver fig. 5] representa os presidenciáveis Lula e Leonel Brizola (do PDT) entrando em um bar estilo faroeste. Nele, os dois candidatos são recebidos com olhares indesejáveis por parte de homens de cartola, alguns dos quais fumando seus proverbiais charutos (signo recorrente nas charges para caracterizar setores das elites). A cena se completa com Lula dizendo que ambos deveriam ter ido a um “boteco” em Santo André, reduto do operariado. O chargista Spacca percebeu bem esse temor do empresariado e reforçou o humor com um quadro de Marx sendo utilizado como tiro ao alvo e a frase “empresários não apoiarão marxistas”. Glauco, em 3 de setembro [ver fig. 6], também aborda com humor essa visão sobre a esquerda brasileira ao desenhar Lula com quepe estilo revolucionário e destacar seu treino de discurso radical. Nesse mesmo dia, a *Folha* publicava matéria de primeira página com a seguinte manchete: “Lula prega governo popular para impor socialismo”.



Fig.4



Fig.5



Fig.6

A imagem de Leonel Brizola sempre esteve vinculada à esquerda. Político antigo da história nacional, ele possuía, segundo o jornalista Clovis Rossi, um público cativo. Isso porque, como mostravam as pesquisas no primeiro turno, ele estava sempre nos primeiros lugares. A charge de Spacca, em 23 de março, mostra esse lado “esquerdizante” já comentado. Contudo, em várias charges também aparece o lenço revolucionário adotado por Brizola, que está ligado a sua postura e à memória de seu pai. Em 22 de julho Brizola se encontra com Silvio Santos [ver fig. 7] e o chargista não perde a oportunidade de vincular sua imagem ao do palhaço Bozzo, que trabalhava na emissora do empresário. Essa associação talvez se deva ao cabelo do candidato do PDT, durante um período das eleições.



Fig.7



Fig.8



Fig.9

A imagem de Paulo Maluf, do PDS, estava ligada ainda ao período anterior ao da redemocratização. Mas o candidato sempre foi uma figura persistente no cenário eleitoral. Podemos perceber como as charges [ver fig. 8 e 9] e o editorial da *Folha* caminhavam em sintonia. O editorial “Mais uma vez Maluf”, de 16 de maio, destaca a

obstinação do candidato em vencer as convenções do partido. Enfatiza ainda que a escolha do PDS representaria o grau de decadência e perda de representatividade social do partido. Para o jornal, a candidatura de Maluf pouco significava além da insistência de uma desgastada liderança regional. O prestígio e sua força de antes se esvaíam com as urnas e com a lenta decadência do regime que ele havia apoiado. Segundo o jornal, a fisiologia que um dia o fortaleceu explicava, naquele momento, a sua fraqueza. Ninguém representava com mais exatidão, segundo o editorial, o perfil desafinado do PDS ou o discurso extemporâneo daqueles que governaram o país no período do autoritarismo. Para a *Folha*, Paulo Maluf era mais um daqueles candidatos que não tinham o que dizer nem por que disputar as eleições.

Como bem mostra a charge de Spacca de 9 de setembro [ver fig. 9] , mesmo sendo vaiado em Nova Iorque por brasileiros, ele afirmava que iria para segundo turno. Na seção de opinião da *Folha*, o jornalista Clovis Rossi, em 9 de junho, destaca que Maluf, no primeiro turno, era uma “incógnita”. Seu discurso de oposição fazia mais sentido, segundo o jornalista, porque ele teria sido o grande derrotado da Nova República, mas Collor teria saído na frente como o grande opositor não- esquerdista contra Sarney. Para o jornalista, o tom moralizante – justa ou injustamente, do ponto de vista eleitoral - soava melhor na boca de Collor do que de Maluf.

Maluf participou como “garoto propaganda” dos sapatos 752 da *Vulcabrás*. No comercial, ele dizia: “dura muito e não deforma”. Os chargistas da *Folha* não perderam mais uma vez a oportunidade de satirizar tal situação. A charge de Spacca o mostra atirando o sapato nos eleitores que o vaiavam.



Fig. 10



Fig.11



Fig.12

Os editoriais, conjuntamente com as charges [ver fig. 10, 11 e 12], abordaram de forma crítica como o desenvolvimento da imagem de Collor mexia com o eleitorado e os políticos brasileiros. O editorial de 11 de junho, intitulado “O fenômeno Collor”, afirmava que Collor de Mello ia assumindo uma espécie de mistificação coletiva de projeção inconsciente, bem acolhida por uma população que se encontrava exausta das forças vinculadas ao governo e que rejeitava os extremos de direita e de esquerda, encontrando em Collor um instrumento para expressar essa rejeição, como fora anteriormente com Jânio.

O jornalista Clovis Rossi, ao analisar a pesquisa feita pelo DataFolha em 28 de maio, destacava que o fenômeno Collor era produto da combinação de dois fatores: a desinformação de uma parcela substancial da sociedade brasileira e o desencanto profundo e generalizado com os políticos. Somente desta forma poderíamos entender porque Collor estava em primeiro lugar nas pesquisas de opinião pública. Segundo o editorial, ele carregava a bandeira da moralidade administrativa simbolizada pela fama de “caçador de marajás”. Porém, em seu próprio estado, não obtivera muito êxito na “caçada” quando era governador.

Em reportagem que envolvia os músicos e artistas que apoiavam os candidatos, Ney Latorraca afirmava que “Collor era o candidato do contorno físico”. Para Paulinho da Viola “muita gente está definindo o voto pela aparência do candidato”. Já, para Alceu Valença, era “a direita sob máscara de galã”. Para Claudia Raia, não adiantava ter “um presidente com 92 anos” que misturasse “esclerose com governo”.

Segundo Clovis Rossi, jornalista opinativo da *Folha*, Collor, favorito para a disputa final, tinha a seu favor um eleitorado que mostrava por ele uma empatia sem nenhuma racionalidade, o que ficava difícil para os demais candidatos combater.

## 5-O número elevado de candidatos

Outra figura curiosa que tentou lançar sua candidatura em 1989 foi o não menos caricato Silvio Santos. O famoso apresentador tentou concorrer às eleições presidenciais ingressando em um pequeno partido: o PMB. No entanto, sua candidatura foi impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral por irregularidades em seu partido. Tal decisão do TSE leva o apresentador a filiar-se ao PFL. Uma charge de Spacca, publicada em 7 de março, representa Silvio Santos enraivecido por não ser mais candidato e ainda assistindo a um programa da Rede Globo em que aparece a imagem de Leonel Brizola. Em 10 de novembro o TSE cassa a candidatura de Silvio Santos. Glauco [ver fig. 13] o representa em seu programa *Show de Calouros* como não sendo escolhido pelos jurados, mas esses são representados pelo TSE.

Outro possível candidato no início de 1989 era Orestes Quércia, do PMDB. A crer no que dizem as charges, o ex-governador de São Paulo provavelmente tirou várias noites de sono de Ulysses Guimarães, pois ameaçava conquistar a vaga de presidencial no partido. Não poucas charges deram destaque para a indecisão de Quércia em lançar-se candidato [ver, por exemplo, figura 14 publicada em 23 de abril]. Em São Paulo, o PMDB não queria Ulysses como presidencial. Contudo, no final, ele é escolhido candidato [ver fig. 15], mas sua candidatura não decola.



Fig. 13



Fig. 14



Fig.15

Ao analisarmos as charges podemos verificar a relativa liberdade que os chargistas tiveram para exprimir os fatos políticos da campanha. Vejamos a charge com o lema da campanha de Collor em 6 de maio de 1989 [ver fig. 10]. Porém, quando confrontamos com os editoriais, percebemos que a *Folha de S. Paulo* procurou manter

uma aparência de “imparcialidade” durante o primeiro turno das eleições, pelo menos em seu discurso mais explícito.



Fig. 16



Fig. 17

Contudo, verificamos que o marketing político do candidato Collor - conjuntamente com sua assessoria - lhe garantia fotos de destaque na primeira página do jornal. Isso ocorreu, por exemplo, em 30 de maio de 1989, quando o jornal estampou uma foto do candidato sorrindo no programa *A Praça é Nossa*. É preciso ressaltar que outros candidatos também foram ao programa, porém Collor ganhou destaque na primeira página. Em 5 de junho de 1989 ele foi o entrevistado do encarte do suplemento *Folha'd*, aparecendo sorrindo em uma foto. A chamada era: “Veja o que Collor acha de Collor”. Em 5 de julho novamente aparece a foto do presidencial (sempre sorrindo) sendo recebido por Margareth Thatcher em Londres. Em 11 de julho, Collor foi destaque de capa - por meio de uma foto em que ele aparecia fazendo sinal de positivo – pelo fato de estar em primeiro lugar na pesquisa realizada pelo jornal. No mesmo mês, no dia 27, apareceu uma foto de Collor sendo recebido por d. Paulo Evaristo Arns. A manchete vinculada à foto dizia: “Covas perde o vice, PT vive crise, Collor vem a d. Paulo”. O que nos chamou a atenção foi sempre o destaque do tamanho da foto na primeira página. Notícias como “Collor gastou U\$ 550 mil sem se justificar” ganham destaque menor na página.

Pensando em relacionar todas as informações, voltamos aos editoriais. Entre eles, o de 29 de junho, intitulado “Doa a quem doar”, chama atenção do leitor para lembrar que “a política que orienta o tratamento jornalístico” conferido à campanha é aquela que prima pela “isenção” e pelo “apartidarismo”; estes, no entanto, não excluem o “ímpeto crítico” do jornal. Neste editorial, a *Folha* critica os candidatos por suas

irregularidades durante a campanha que se seguia. O jornal arrola tais irregularidades: o candidato do PDT, Leonel Brizola, teria autorizado 25 contratações irregulares quatro dias antes do término de seu comando no governado estadual do Rio. O outro caso de irregularidade apontado por aquele editorial recaía sobre o candidato Collor de Melo, do PRN; este teria admitido, sem concurso, 462 funcionários no último dia como prefeito de Maceió. Ulysses teria concedido uma estação de rádio a um amigo. Diante de tantas informações, podemos concluir que o jornal, como todo cidadão, não compartilha do comportamento e das posturas de determinados candidatos. No entanto, ao exprimir as imagens em primeira página, dava um destaque maior a um dos candidatos, transmitindo sua própria posição de maneira bastante sutil e discreta.

O que é interessante apresentar é que, além de Collor, somente Jânio Quadros, Ulysses Guimarães e Paulo Maluf aparecem freqüentemente nas fotos de capa. Contudo, os dois primeiros aparecem com certo ar cômico: Jânio com sua teatralidade e Ulysses com as confusões que envolveram sua campanha. Maluf era ligado ao período da ditadura. Assim, sua candidatura era vista como inviável. Diante de todas as dificuldades enfrentadas por Ulysses no PMDB, e durante a sua campanha, ele foi um dos candidatos que mais apareceram nas charges durante o início da disputa eleitoral [ver fig. 18,19 e 20].



Fig. 18



Fig.19



Fig.20

## 6-Intenções de voto

Durante a campanha presidencial, várias pesquisas foram feitas para mostrar as intenções de voto do eleitorado. Uma charge de Glauco publicada em 2 de abril [ver fig. 21] dá destaque para Lula encostando em Brizola. Tal disputa é representada por meio de carros de corrida que, após o empate, são multados pela falta de uso do cinto de segurança. Nesta pesquisa Ulysses estaria colocado em sexto lugar.

Em 11 de junho, uma nova charge de Glauco faz referência à pesquisa do DataFolha e à matéria de capa do jornal: “Collor sobe rumo à maioria absoluta”. De forma bem humorada [ver fig. 22] o cartunista apresenta Collor no alto, dentro de um avião a jato, enquanto os outros candidatos caíam juntos de pára-quadras. Nos dias 1º e 2 de julho a pesquisa do DataFolha apresenta Paulo Maluf, candidato do PDS, em terceiro lugar, superando Luis Inácio Lula da Silva, com 9% nas intenções de votos. Collor de Mello, do PRN, teria então 41% e Mario Covas apresentaria 12%. Estes seriam os preferidos do eleitorado na terceira pesquisa nacional de votos.



Fig. 21

Fig.22

Fig.23

Fig.24

Contudo, entre 9 e 10 de julho [ver fig. 23], Collor teria caído dois pontos nas pesquisas, parando assim de crescer. Lula também caía de 2º para 4º lugar [ver fig.24] e Maluf ficava em 3º. Essa não seria a maior queda de Collor. Em 28 de setembro [ver fig.25], após iniciar o horário eleitoral, o candidato do PRN teria caído de 40 para 33; Brizola subia de 14 para 15; Maluf caía de 8 para 7; Lula e Afif subiam para 7 e Covas ia de 5 para 6.

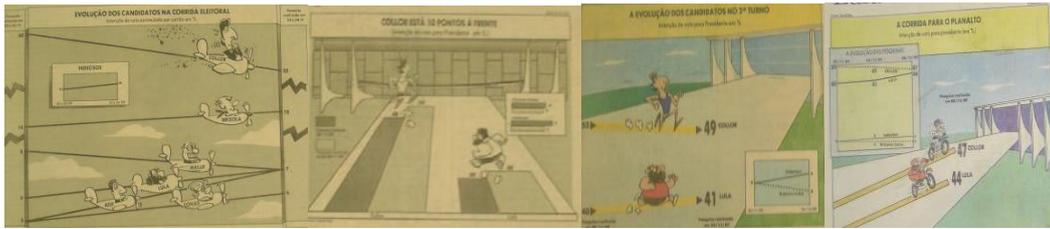


Fig. 25

Fig.26

Fig.27

Fig.28



Fig.29

Como vimos acima, os dois candidatos que disputaram o segundo turno foram Collor e Lula [ver fig. 26]. A três dias das eleições presidenciais, de acordo com pesquisa realizada pelo DataFolha, apenas um ponto separava-os na preferência do eleitorado [ver fig. 29]. A diferença entre eles, que era de 10 pontos no dia 30 de novembro, havia caído para dois pontos na pesquisa do dia 4 de dezembro e 3 no levantamento do dia 8, conforme nos indicam as imagens 26, 27 e 28 .

## 7-Os Debates



Fig. 30

A charge de Spacca, de 14 de setembro de 1989 [ver fig. 30], e o editorial, de 13 de maio, abordam o projeto de lei que regulamentava as eleições daquele ano. O editorial apontava para o atraso nas definições das regras eleitorais e para a maneira

como os políticos tratavam o eleitor, um ser incapaz de discernimento num processo eleitoral livre e democrático. O editorial fazia severas críticas ao texto aprovado no senado sobre o assunto, porque este inviabilizaria a realização dos debates nas emissoras de rádio e TV, pelo menos durante o primeiro turno. A crítica ocorria porque o projeto permitia o lançamento de candidaturas por partidos com registros no Congresso obtidos até a data da publicação da lei. O projeto de lei, segundo o jornal, tornava ainda mais frágil o inconsistente quadro partidário e fortalecia as legendas sem nenhuma expressão política, além de estimular a prática de entendimentos espúrios na composição das chapas e coligações.

Para o editorial da Folha, os parlamentares estariam legislando em favor deles próprios e dos partidos que integravam. Isso porque a exigência de que todos os candidatos participassem dos debates (a campanha chegou a ter 28, no final sobraram 22) – e, também, caso houvesse uma divisão do encontro em blocos distintos, a exigência de ocorrer um sorteio - era entendida pelo jornal como uma decisão falsamente democrática e anacrônica. Isso porque, segundo o jornal, em tempos democráticos, o projeto de lei, com suas excessivas regulamentações, seria uma tutela desnecessária e de viés autoritário.

Segundo o jornal, alguns candidatos despertavam a atenção do eleitor e tinham representatividade social, que independia de seu posicionamento ideológico. Outros, por sua vez, apenas participavam formalmente da disputa e chegariam ao final quase como uma incógnita.

Para o jornal, o Congresso Nacional queria impedir os órgãos de comunicação de organizarem livremente os debates a partir de critérios jornalísticos. Desta forma, os parlamentares desprezavam o fato das emissoras dependerem de sua credibilidade junto à opinião pública. O argumento pautava-se na idéia segundo a qual os veículos teriam o máximo interesse em promover um confronto o mais próximo possível da realidade política.

O primeiro debate televisivo seria realizado pela TV Bandeirantes, em 17 de julho. Contudo, os candidatos Collor de Mello e Ulysses Guimarães se recusaram a participar com os principais candidatos à presidência da República. As charges dos dias 17 e 19 de julho, bem como o editorial do dia 17 de julho, destacam tal assunto. O editorial enfatiza que, apesar de ser uma estratégia política, a ausência ao debate era um

desrespeito para com o eleitor, porque nele cada um dos participantes exporia suas idéias e projetos ao crivo da opinião pública. Collor não participaria porque, segundo o jornal, possuía uma expressiva vantagem em relação ao demais e, caso participasse, seria alvo dos outros candidatos. Ulysses, por sua vez, pretendia se preservar, já que sua candidatura não entusiasmava. Para a Folha, Collor e Ulysses mostravam desrespeito para com o eleitor e indiferença pelo debate democrático.

Na mesma edição em que o editorial acima mencionado foi publicado, o cartunista Spacca lançou uma charge [ver fig. 31] que, curiosamente, mostrava muitas zonas de interseção com o posicionamento manifestado pelo jornal. Diante de alguns candidatos presentes naquele debate, Marília Gabriela afirma que o candidato Collor estava disposto a participar do debate, “com uma condição...”. No segundo quadro em que se subdivide a charge, aparece o próprio Collor com um saco na cabeça expressando claramente qual era a tal “condição”: não gastar a sua imagem. Aqui, a interlocução entre charge e editorial, em parte, parece evidente. Tal aproximação aponta para a necessidade de entendermos a produção cômica articulada com o espaço em que ela se manifesta. De certa forma, o mesmo ocorre com a charge de Glauco publicada dois dias depois, em 19 de julho [ver fig. 33]. Ela faz menção à ausência de Ulysses Guimarães no mesmo debate comentado pelo editorial. Em sintonia com a idéia segundo a qual este candidato pretendia se preservar, ela mostra um Ulysses fragilizado e medroso, escondido embaixo da mesa, com “trauma” de debates. Portanto, não são poucas as zonas de interseção entre charges e editoriais. Veremos mais adiante que essas aproximações são recorrentes, embora não previsíveis.

O editorial de 17 de setembro, “Afronta ao eleitor”, tem como destaque também a crítica à maneira como seriam realizados os debates e afirmava que nunca seria possível, a princípio, a isenção e o apartidarismo das emissoras; tudo dependeria, na verdade, do compromisso que elas assumissem com seus respectivos públicos e das reações que estes eventualmente manifestassem. Para a *Folha*, a equidade de participação e de tempo concedido a cada candidato não seria garantia de imparcialidade. No entanto, mediante decisão do TSE que autorizava a livre organização dos debates no rádio e na TV, no dia 26 de outubro, o editorial da *Folha* elogiou a postura daquele tribunal exaltando sua “atitude moderna” em favor dos interesses do eleitorado.

A charge do dia 18 de julho [ver fig. 32] e o editorial do dia 19 daquele mês abordaram as discussões que envolveram o primeiro debate. Este, segundo a *Folha*, foi positivo, medida em que destacou a crise brasileira e as responsabilidades do cargo. Além disso, o editorial elogiava o “nível elevado” das discussões. Os candidatos, de maneira geral, teriam mantido a devida compostura. Com relação às discussões, ele delimitava os oponentes em dois grupos diferentes: um deles enfatizava que a dimensão do poder público não constituía um problema em si, e que era necessário apenas propor correções na prática; o outro grupo, ainda de acordo com o editorial, apresentava uma proposta aparentemente privatista. O jornal fez crítica aos dizeres de Maluf quando se referiu, sem originalidade, ao problema do Estado e aos “marajás”. Ele também critica as falas de Brizola sobre as questões de privatizações e estatismo porque, segundo o candidato, elas seriam resolvidas no momento em que a dívida externa fosse resolvida. Desta forma, de acordo com o jornal, Brizola - e também Lula - careceriam de racionalidade estratégica e realismo. Contudo, os candidatos de esquerda teriam conseguido abordar as desigualdades sociais como não o fizeram Maluf e Caiado.

Aqui também temos o caso de uma charge que afina no mesmo diapasão do editorial. O cartunista da vez era Spacca [ver fig. 32]. Ele representa uma Marília Gabriela usando um escafandro (esperando que o “nível” baixasse). Suas palavras são claras: “Boa noite, telespectadores... São 22:00 e o nível ainda não caiu!”. Os candidatos, sentados ao redor da mesa de debate, são aqui representados com seus semblantes expressando calma e moderação. A atmosfera “amena” que supostamente marcara o debate é enfatizada pela charge [ver abaixo]. Como vimos, no dia seguinte (19/07), o editorial faria menção ao mesmo aspecto apontado pela charge: o clima de relativa “cordialidade” do debate. Temos mais um caso em que charge e editorial caminham juntos, de mãos dadas.



Fig.31



Fig.32

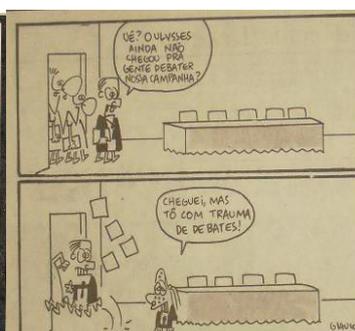


Fig.33

O segundo debate, ocorrido na TV Manchete no dia 20 de julho, foi abordado na charge de Glauco de 21 de julho [ver fig. 34]. Ela destaca o tema da mulher como predominante nas discussões dos candidatos. No dia seguinte, 22 de julho, o editorial também discute a impressão deixada pelos políticos, que tiveram que enfrentar a discussão sobre a questão do aborto. Para a *Folha*, Lula não teria se saído tão bem, mas todos os candidatos concordavam que deveria haver um plebiscito para saber o posicionamento da sociedade sobre o tema. Segundo o jornal, os candidatos foram repetitivos em suas falas. Porém, foram obrigados a comprometer-se com uma crítica aos preconceitos. Desnecessário dizer, neste debate Collor também não compareceu [ver fig. 36].



Fig.34

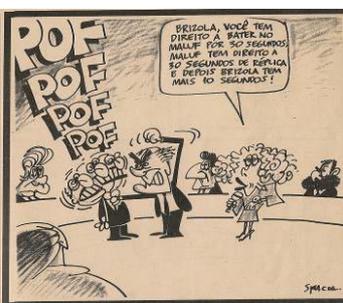


Fig. 35



Fig.36

Somente no segundo turno a figura de Collor de Mello, do PRN, participaria dos debates. E a charge de Spacca, de 3 de dezembro [ver fig. 38], apresenta de forma bem humorada a primeira aparição do candidato em um confronto do gênero [menção ao primeiro debate do segundo turno]. A pena ferina do cartunista retrata um Collor que, pela sua inexperiência em debates televisivos, não saberia como se comportar naquela situação para ele inusitada. Sempre apegado aos aparatos da propaganda eleitoral, o candidato de origem alagoana procura, de forma um tanto apreensiva, a vinheta eletrônica e o jingle de sua campanha. Lula, ironicamente, justifica o comportamento do oponente como sendo derivado de sua suposta inaptidão em debates daquele tipo.



Fig.37



Fig.38



Fig.39

A charge de Glauco de 01/12/89 [ver fig. 37] se refere às críticas da *Folha* à ausência de jornalistas nos debates. De acordo com informações do próprio jornal, a exclusão daquele segmento devia-se à intervenção direta dos assessores dos dois candidatos. Tais assessores, quando questionados quanto ao co-patrocínio de jornais e revistas, disseram que o convite havia sido feito apenas às emissoras de TV, excluindo assim a imprensa escrita do debate televisivo.

O editorial da *Folha* de 5 de dezembro, sobre o primeiro debate do segundo turno, afirma que ele foi comportado e marcado por uma certa frieza e solenidade. Isso, segundo o mesmo editorial, ocorreu devido à excessiva quantidade de regras que o pautaram. Collor e Lula teriam feito um debate paralelo, no qual as perguntas dos entrevistadores pareciam menos importantes do que o esforço em atacar a figura do adversário. O clima, segundo o jornal, teria favorecido na primeira metade do debate o candidato do PRN, que com uma postura “presidencial” buscava afastar o histórico de destemperos de sua biografia. No entanto, não teria conseguido responder satisfatoriamente às acusações de Lula sobre as desconfianças de seus procedimentos administrativos na prefeitura de Maceió. Ao se referir a Lula, o jornal declara que ele estaria num tom mais moderado e menos “autêntico” ao hesitar em assumir uma postura mais agressiva. Esta era a impressão que o candidato supostamente queria demonstrar no segundo turno, sempre de acordo com a *Folha*. No entanto, seu discurso teria perdido nitidez. Para o jornal, as explicações que Lula deu a Collor sobre o processo de rediscussão programática do PT, bem como sobre o envolvimento de militantes petistas nos tumultos em Caxias do Sul, foram incapazes de dissipar o impacto negativo. Segundo o editorial, o debate refletiu os defeitos da campanha: a falta de transparência quanto aos objetivos e prioridades de governo e as promessas vagas.

O editorial de 14 de dezembro, intitulado “Reta Final”, afirmou que as tensões emocionais e as expectativas que cercavam a disputa sucessória estavam em alta. Isso se devia ao empate técnico das candidaturas de Collor, com 46%, e Lula, com 45% nas pesquisas. O processo de exacerbação passava-se também no horário eleitoral, com os candidatos utilizando o recurso de ataques pessoais. Sendo assim, esperava-se que os candidatos tivessem a capacidade de autocontrole no debate que ocorreria na noite daquele mesmo dia.

Se as expectativas do editorial iam num sentido, as previsões da charge só aparentemente destoavam da linha assumida pelo jornal. Na edição daquele mesmo dia, a charge de Spacca, intitulada “Hoje tem debate”, mostra os dois candidatos chegando ao debate com suas respectivas trouxas de roupa suja. No “palco”, em vez dos tradicionais recursos utilizados em ocasiões do gênero (microfones, mesas etc.), o cartunista representou dois tanques de lavar roupa nos quais os respectivos candidatos lavariam, em público, suas respectivas “roupas sujas” [ver fig. 40]. O clima tenso dos programas eleitorais levava tanto o editorial quanto a charge a suspeitar da cordialidade dos dois oponentes. Portanto, apesar da suposta divergência expressa na superfície dos discursos, no fundo, charge e editorial acabavam dizendo a mesma coisa.

No final, o que se esperava (explicitamente ou não) parece que não ocorreu. A matéria de capa da *Folha* do dia seguinte (15 dezembro) destacou: “Rivais frustram expectativa no duelo final”. O debate, segundo o jornal, teria sido “morno”; o confronto acalorado criado pelos programas de horário gratuito dos últimos dias da disputa não se repetiu na contenda direta entre os dois candidatos [ver fig. 41]. Segundo o jornal, ambos teriam fugido das perguntas dos jornalistas. Lula não teria respondido, segundo Paulo Francis, à pergunta relativa à possível coação do PT aos opositores de seu programa. Para a *Folha*, o candidato Collor estaria mais à vontade nos dois primeiros blocos e Lula somente conseguiria sair da defensiva no final do segundo bloco.



Fig.40

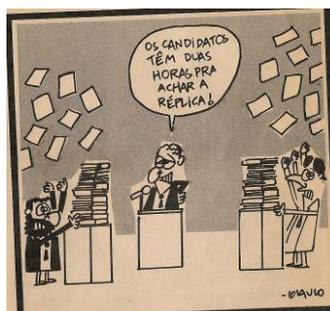


Fig.41

## 8-Conclusão

Em nossa pesquisa, analisamos a produção cômica das charges produzidas durante a disputa eleitoral de 1989 sempre em relação ao posicionamento político tomado pela *Folha de S. Paulo*. No início, esperávamos encontrar inúmeras zonas de tensão no confronto entre charges e editoriais. No entanto, conforme fomos analisando nossas fontes, descobrimos que, no que tange às eleições, na verdade havia mais aproximações do que distanciamentos no interior daquele jornal. Não obstante a relativa autonomia desfrutada pelos cartunistas, percebemos que, no fundo, havia em suas respectivas produções uma indisfarçável afinidade com os propósitos dos editores. Os juízos expressos pelas charges encontravam-se bem próximos daqueles que o próprio jornal manifestava. Isso confirma a tese de Maringoni segundo a qual a produção cômica de um jornal é parte constituinte do próprio veículo de comunicação no qual ela se insere. Obviamente, isso não quer dizer que não haja tensões entre tal produção e o posicionamento do jornal - os cartunistas sempre encontram brechas para criar seus próprios discursos e dizer o que o jornal não gostaria de ouvir.

Vimos, por exemplo, que, diante da ascensão da esquerda, a *Folha de S. Paulo* – assim como outros órgãos da imprensa - manifestou ao longo da campanha um apoio mal dissimulado a Collor. Não obstante o discurso de “imparcialidade” adotado por esse jornal, tal apoio, apesar de discreto, manifesta-se em diferentes momentos analisados em nossa pesquisa. No entanto, os cartunistas não parecem reforçar essa simpatia. Por outro lado, não seria exagerado dizer que as representações gráficas em torno de Lula não foram, em linhas gerais, muito severas. Apesar de uma ou outra charge caricaturar a

postura supostamente “radical” do petista, quase não encontramos, nos trabalhos de Glauco e Spacca, representações em que esse candidato aparecesse em situações francamente adversas. Mesmo nas charges em que a postura “esquerdizante” de Lula é mencionada de forma mais direta [ver, por exemplo, fig.5], o petista não é representado de forma abertamente ofensiva.

O mesmo não podemos dizer em relação a Collor. Um exemplo flagrante de crítica severa ao candidato do PRN aparece em charge de Spacca publicada no dia 9 de dezembro – portanto, às vésperas do segundo turno [ver fig. 42]. A charge desse dia apresenta Collor em seu comitê, sendo observado por sua assessoria com espanto porque estava usando um uniforme ao estilo nazista ou fascista. Diante de tal espanto, o candidato indaga: “Que foi não gostaram? Tá muito demodé?”.



Fig.42

Esta charge nos chamou a atenção. Isso porque o chargista utilizou a associação direta de Collor com os movimentos autoritários. Esta forma de representar Collor na reta final da disputa relaciona-se com a impressão manifestada pelo jornal de que, diante da ascensão de Lula nas pesquisas, o candidato do PRN, para marcar posição, teria expressado uma nítida “guinada à direita”. No entanto, o chargista poderia ter utilizado outra forma para expressar aquele “namoro” de Collor com a direita, associando, por exemplo, a figura do candidato a uma postura mais “liberalizante”. No entanto, não foi essa a escolha adotada por Spacca. Aliás, é preciso ressaltar que esta charge

desfavorável a Collor entra em conflito claro com o editorial intitulado “Surto de fascismo”, publicado na *Folha* poucos dias antes, em 2 de dezembro. Nele, quem é destacado como “autoritário” e “fascista” são os petistas e pedetistas, e não Collor. Tal acusação do editorial é uma severa crítica ao episódio supracitado em que os grupos partidários de Lula e Brizola fizeram uma manifestação contra Collor de Melo na cidade de Caxias do Sul. O jornal qualifica essa manifestação como sendo uma “barbárie fascista”. Para os editores da *Folha*, os pedetistas e petistas, tentando impedir a realização do comício de Collor de Mello naquela cidade gaúcha, teriam desencadeado um episódio de “covardia” e “truculência” Nos comentários do editorial, a cena teria sido de “violência”, com direito a arremesso de pedras e garrafas e o desfecho de dezenas de pessoas feridas.

Portanto, nota-se que os cartunistas da *Folha*, apesar comporem a equipe daquele jornal, conseguiam construir um curioso espaço de autonomia por meio do qual manifestavam seus próprios posicionamentos políticos. Posicionamentos que, diga-se de passagem, nem sempre estavam de acordo com os do jornal. No entanto, é preciso ressaltar, toda autonomia tem limites. Estes podem ser mais estreitos aqui ou mais frouxos ali. Mas nem por isso tais limites são menos efetivos. É preciso levá-los em consideração no momento em que analisamos qualquer discurso produzido pela própria equipe de um jornal. Caso contrário, não conseguiremos entender o sentido que tal discurso expressa. E as charges, obviamente, não são exceções a esta regra.

## **Bibliografia**

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.) *História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record. 2000.

MARINGONI, Gilberto. Humor na charge política no jornal. *Revista Comunicação e Educação*, n. 7. São Paulo: Moderna; USP. Set/dez 1996, pp 83-88.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Unesp. 2003.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

SINGER, André (org.). *Sem medo de ser feliz – cenas de campanha*. São Paulo: Scritta. 1990.

SOUZA, Diana Paula de. *Heróis e bandidos: uma análise da construção de personagens jornalísticos pela Folha de S. Paulo no caso Abílio Diniz*. In: Coneco, 3, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia – um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil*. São Paulo: Hacker, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

### **Endereço eletrônico:**

<http://www.youtube.com/watch?v=HGWfZ2q093E>

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mt210820021.htm>

<http://www2.uol.com.br/glauco/queme.shtml>

## 10-Anexos

<b>Figura</b>	<b>Charge</b>	<b>Data</b>
Fig. 1	Candidaturas de Jânio e Quércia	25/02/89
Fig. 2	“Renúncia” de Jânio	29/05/89
Fig. 3	Jânio pretende entrar no PFL	23/06/89
Fig. 4	Plataformas de Lula e Ulysses	14/02/89
Fig. 5	Empresários negam apoio a Lula e Brizola	23/03/89
Fig. 6	Lula ensaia discurso	03/09/89
Fig. 7	Encontro de Brizola e Silvio Santos	27/07/89
Fig. 8	Jornalistas questionam Maluf sobre campanha	02/06
Fig. 9	Maluf atira sapato em brasileira em Nova York	09/09
Fig. 10	Collor caça “marajás”	06/05
Fig. 11	Collor é recebido em Manaus	25/05
Fig. 12	Disputa entre Lula e Brizola para acertarem Collor	30/07
Fig. 13	Tribunal cassa candidatura de Silvio Santos	10/11
Fig. 14	Ulysses estava um passo da renúncia	23/04
Fig. 15	Descanso de Ulysses	02/05
Fig. 16	Collor vai ao programa “A Praça é Nossa”	30/05
Fig. 17	Collor no Nordeste	02/10
Fig. 18	Os vinte mandamentos de Ulysses	23/06
Fig. 19	“Não me chamo José Sarney”, diz Ulysses	11/07
Fig. 20	Ulysses se veste de Collor	12/06
Fig. 21	Lula “encosta” no Brizola	02/04
Fig. 22	Collor com maioria absoluta	11/06
Fig. 23	Collor pára de crescer nas pesquisas	09/07
Fig. 24	Lula cai de 2º para 4º; Maluf é o 3º	10/07
Fig. 25	Charge da pesquisa dos candidatos	28/09

Fig. 26	Charge com a pesquisa - Collor e Lula	03/12
Fig. 27	Charge com a pesquisa - Collor e Lula	09/12
Fig. 28	Charge com a pesquisa - Collor e Lula	11/12
Fig. 29	Charge com a pesquisa - Collor e Lula	14/12
Fig. 30	Tempo igual para os candidatos	14/09
Fig. 31	Collor não quer gastar sua imagem em debates	17/07
Fig. 32	Candidatos mantêm o “nível” no 1º. debate	18/07
Fig. 33	Ulysses embaixo da mesa diz ser “trauma” de debate	19/07
Fig. 34	Debate envolve questão sobre a mulher	21/07
Fig. 35	Réplicas nos debates entre Maluf e Brizola	17/10
Fig. 36	Collor sozinho no debate	18/10
Fig. 37	Jornalistas da imprensa proibidos em debates	01/12
Fig. 38	1º debate entre Collor e Lula	03/12
Fig. 39	Bonecos de Lula e Collor no lugar dos candidatos	04/12
Fig. 40	Collor e Lula lavariam “roupa suja” no 1º debate	14/12
Fig. 41	Lula e Collor frustra expectativas do público	15/12
Fig. 42	Collor vestido com roupa ao estilo fascista ou nazista	09/12